

AS GUARDIÃS DA RELIGIÃO

Marluse Castro Maciel*

Introdução

A base para construção deste projeto, foi a pesquisa realizada durante dissertação de mestrado “Entre o céu e a terra: um estudo sobre as religiões no assentamento Bela Vista – Araraquara – SP, defendida no mês de março de 2003, que trata da inserção das igrejas – principalmente as protestantes pentecostais – nos assentamentos de reforma agrária, ampliando o campo de atuação deste fenômeno religioso para além dos espaços urbanos.

Será possível compreender a religião como elemento de coesão social, sociabilidade e espaço de surgimento de novas lideranças religiosas? Tal questionamento decorre do fruto de que muitas dessas lideranças são originárias de organizações políticas como por exemplo: cooperativa, associações, grupos representativos frente ao poder público, etc.

No bojo das discussões sobre a inserção das religiões no cotidiano dos assentados, foi possível detectar além dos elementos de sociabilidade e coesão social e a presença marcante de lideranças femininas, que muitas vezes renunciam a atuação política dos grupos organizados do assentamento para exercerem atividades estritamente religiosas.

Constatou-se na pesquisa de mestrado que mulheres são as mantenedoras da prática religiosa, embora não ocupem cargos de destaque dentro da igreja como: padres, pastores, cooperadores, exercidos exclusivamente por homens.

Esta pesquisa visa compreender a religião no espaço de assentamentos de reforma agrária, considerando suas diversidades e possibilidades, especialmente no que se refere ao modo de vida das mulheres.

As guardiãs da Religião

Na dissertação de mestrado foi possível verificar, na construção da história do assentamento Bela Vista, que as mulheres tiveram atuação primordial no constante processo de luta, num desempenho contínuo. Nunca houve uma mulher eleita para representante no assentamento, mas sempre acompanhavam os

* Mestre em sociologia pela Unesp – FCL – Araraquara – SP.

homens nas reivindicações, formando as comissões. Segue trecho de uma das líderes do assentamento, relatando o assunto:

*“É, tem a associação que é dos homens, na qual meu marido faz parte e a gente um grupo de mulheres, que é só informalmente, não chegou a registrar. De lá pra cá a gente vem desenvolvendo um trabalho de mais de cinco anos, já vai fazer seis anos. Então tem sido a participação da gente em todos os lugares, na comissão, no trabalho das mulheres, nas conquistas dos assentamentos”.*¹

No início do assentamento, houve reivindicações para que pudessem participar do processo. Hoje, toda família assentada tem direito a dois votos, do homem e da mulher. O trabalho de conscientização e valorização da participação da mulher na política do assentamento também é um dos resultados do trabalho da CPT (Comissão Pastoral da Terra) no assentamento, como mostra o texto de Rosim:

“Das experiências trazidas de outros lugares e desses primeiros momentos de participação organizada, temos o germe que mais adiante dará início à estruturação de uma Associação de Mulheres. É preciso reconhecer que, posteriormente a esse momento, houve todo um trabalho da recém fundada CPT de Araraquara, no sentido de incentivar a criação da Associação. Mas insisto que a participação da mulher, mesmo sem uma organização de representação própria, é constante ao longo de toda luta”. (ROSIM, 1997, p. 171)

Antes isto não acontecia porque as mulheres eram excluídas dos cadastros dos assentamentos, ou seja, elas não podiam ser beneficiárias dos lotes de terra. Os próprios maridos pressionavam para que elas não participassem das reuniões e não assumissem cargos de lideranças. Por este motivo, muitas delas passaram a desenvolver trabalhos nas igrejas, com a permissão de seus familiares.

Mesmo sendo as mantenedoras da organização familiar e da religiosidade, ainda sofrem com os maridos, pois segundo depoimento da Senhora Zulmira, muitos deles não permitem a participação das mulheres no debate político. Talvez até seja por isso que muitas acabam se dedicando à religião, pois é permitido pela família e o que é de Deus não se questiona.

¹ Zulmira, líder do grupo de mulheres do assentamento Bela Vista do Chibarro – Araraquara – SP.

O papel da mulher é marcante na organização da agricultura familiar, pois atende à dupla jornada de trabalho, dedicando-se a terra e aos afazeres domésticos. Em momentos de crise são as mulheres que saem para trabalhar na cidade, muitas vezes, como empregadas domésticas para garantir o sustento do lar, enquanto se espera a produção. Mesmo assim, as mulheres não são tratadas como iguais, elas perdem espaço na participação política, por estarem ligadas às atividades domésticas, como cuidar da casa e dos filhos, havendo muita cobrança por parte dos homens.

É nesse contexto que as mulheres conseguem marcar o seu espaço na participação do assentamento, principalmente porque, segundo FERRANTE e BARONE, 2000, tem crescido o número de mulheres assalariadas fora do assentamento, para complementar a renda familiar.

“A mulher é distribuidora do principal bem que as populações assentadas dispõem: o alimento. Sua capacidade administradora e de ação é inquestionável. A mulher, desde que esteja numa posição de necessidade, assume todas as tarefas de um chefe de família. No entanto, não encontram espaço para terem, no assentamento, reconhecidos seus direitos”. (BARONE e FERRANTE, 2000, p. 17/18)

A limpeza da igreja antes dos cultos e missas é feita pelas mulheres, como se fosse uma extensão do trabalho doméstico. Enquanto limpam, conversam sobre os filhos, família e assuntos corriqueiros. Sentem prazer em realizar essa atividade, pois para elas, estão agradando ao Senhor. Este é um aspecto da sociabilidade destas mulheres que passam a maior parte do tempo em casa, ou na roça. O culto e as atividades voltadas para a igreja não são apenas uma obrigação, mas também uma atividade de lazer prazerosa.

Constata-se também que as lideranças religiosas e mantenedoras das igrejas do assentamento são as mulheres. Com elas o que chamamos de trabalho “leigo” flui com bastante intensidade. Isto aparece no relato da Senhora Maria Barbosa, que sempre participou da comissão das mulheres assentadas e hoje lidera um grupo religioso. Sua participação nesse tipo de projeto cessa quando a religião que apresenta caráter punitivo passa a ter maior relevância sobre sua vida, numa reflexão constante do que é “certo ou errado”.

Atualmente, a participação das mulheres do assentamento em grupos religiosos, em sua maioria, não está voltada para trabalhos referentes à política do assentamento ou dinâmica de produção, mas sim para reuniões estritamente religiosas.

As mulheres se dedicam às igrejas, tanto evangélicas, quanto católica, muitas vezes, porque há promessas de mudanças de conduta de seus maridos.

São as mulheres que realizam grupos de oração e organizam a reza do terço. Num terço na casa de uma das fiéis só compareceram mulheres.

Dentro desta perspectiva, Lowy escreve:

“O apelo ao crescimento pessoal é, por si só, um motivo importante nas conversões ao evangelismo. Não há dúvidas de que um certo tipo de ética puritana pode ter conseqüências na vida cotidiana das famílias pobres: ao proibir bebida, sexo, drogas, jogo e sexo com prostitutas, indivíduos do sexo masculino que ‘renasceram’ podem melhorar sua condição econômica, sua saúde e o relacionamento com sua esposa e filhos de forma significativa”. (LOWY, 1996, p.191)

A Pastoral da Criança também é mantida pelas mulheres, tanto as organizadoras como as mães que levam seus filhos para acompanhamento. Já na missa, há presença dos homens, mas a maioria continua sendo mulheres.

Um exemplo de liderança feminina é a atuação da Senhora Maria Barbosa, ex-militante envolvida nas lutas políticas do assentamento, abandonou esta atividade para dedicar-se exclusivamente à igreja.

A Senhora Maria falou sobre o seu passado, disse que havia sido uma das cabeças do movimento de luta pela terra. Disse também que hoje está em paz. Antes ela brigava muito e Jesus é da paz. A última vez que participou politicamente, segundo ela, foi quando brigou com o gerente do Banco do Brasil. Havia um dinheiro dos assentados que o banco devolveu para São Paulo porque não tinha condições de pagar por falta de funcionários. Ela disse ao gerente que ele fizesse isso com o dono da Cutrale, da Zanin, para ver o que aconteceria. Disse que ele fazia isso porque os assentados eram pobres. De repente, ela percebeu que não era para ela falar aquilo. *“Eu não te mandei lá”.* (Afirma, como se Deus estivesse falando com ela.). Foi a última vez que atuou politicamente. Na mesma semana ela ficou doente e acredita que foi por causa dessa sua atitude, um castigo. Disse também que durante os dois primeiros anos em que se dedicou à igreja sofreu muito. Sentia muita vontade de participar e as pessoas insistiam. *“Mas onde tem briga, Deus não quer que eu esteja”.* Recebeu a missão de pregar, disse que era muito apegada ao sítio, pediu para Deus tirar esse apego dela e ele tirou. Hoje, se desprende do sítio para realizar a sua missão com Deus. Está liderando a organização da Assembléia de Deus Belém na Bela Vista. Mesmo passando a maior parte do tempo na cidade de Araraquara, ela mantém-se como liderança religiosa, sem perder seu vínculo com o assentamento.

A história de vida da Senhora Maria demonstra sua atuação e importância no processo de construção política do assentamento Bela Vista. Hoje, continua exercendo esta liderança no âmbito religioso.

Pelo fato de serem as mulheres responsáveis por estas atividades, de uma maneira ou de outra, toda a família acaba se envolvendo. Tanto na religião católica como nas protestantes, as mulheres não podem participar como líderes formais porque não podem ter cargos como pastoras, presbíteras ou madres que consagrem a eucaristia.

Percebeu-se que há dificuldade para reunir as mulheres em torno de grupos políticos, pois a participação delas nesse meio não é aceita pelos maridos. Já em relação à participação nas igrejas, a aceitação é maior. É como se fosse permitido a elas cuidar das almas da família, cuidar do sagrado. Podem participar de atividades religiosas nas igrejas, mas há muita reclamação se elas deixam de fazer comida ou lavar roupas para participar de reuniões políticas. A falta de importância dada à liderança feminina não está presente apenas na organização política, mas também nas religiões que se fundam na idéia de que o homem detém o poder. Não acreditam que as mulheres são fundamentais na organização dos grupos, sejam eles políticos ou religiosos.

Segundo NUNES, 1994, em sua pesquisa feita sobre a atuação das mulheres num grupo de CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) na periferia de São Paulo, a participação nas lutas abre novos horizontes para as mulheres, transformando pacatas donas de casas em ativistas políticas e promotoras de eventos reivindicatórios. Mas trazer a discussão sobre as questões de gênero e sobre o poder das mulheres para dentro da própria casa causa desconforto aos maridos.

Quando participam de grupos eclesiais progressistas, as mulheres, segundo NUNES, 1994, passam a defender o controle de natalidade – e conseqüentemente métodos contraceptivos – não aceitos pelas igrejas, impondo sua própria vontade na estruturação familiar. Isto já não acontece com as mulheres que participam apenas das atividades religiosas como cultos e rezas.

Nunes aborda a questão no trecho a seguir:

“É verdade, como vários estudos já o demonstraram, que as próprias mulheres recorrem à sua condição de mães e esposas para legitimarem suas saídas fora do campo doméstico. É a maneira que encontram para viverem a transgressão e tornarem-na aceitável para si mesmas e para a sociedade que as encerra na maternidade, na casa. Enquanto a participação dos homens nas lutas reivindicativas, nos espaços políticos é ‘natural’, as mulheres devem não só justificá-la como encontrar meios de conciliar suas atribuições no campo doméstico com suas novas atividades fora deste”. (NUNES, 1994, p. 09)

Ao contrário do que acontece na igreja católica tradicional e nas protestantes pentecostais, a Igreja Progressista, que aparece no assentamento

representada pela CPT, incentiva a participação das mulheres nos movimentos organizados reinterpretando seus papéis tradicionais. Ela, não precisa entrar em conflito com o marido porque vai sair de casa para uma reunião, pois o fato de sair também para rezar garante o “direito” de ausentar-se.

NUNES pôde constatar em depoimentos colhidos, que a igreja não fornece espaço para as mulheres descobrirem-se enquanto “mulheres”. Isto ocorre no assentamento, quando assumem o papel de mãe, de cuidar da casa, e, em alguns casos, cuidar da igreja como extensão do trabalho doméstico.

Neste sentido, as religiões no assentamento têm sido uma atividade de participação feminina, aceita pelos homens, mas que não contribui para a construção de estratégias para permanência na terra ou mesmo como política de melhorias de infra-estrutura do assentamento.

Outro fato que perpassa pela questão de gênero é o aumento de mulheres trabalhando na cidade, principalmente na atividade de empregada doméstica, como forma de contribuir para o sustento da família. Mesmo sem discutir este aspecto como uma alternativa na construção de um novo modo de vida em relação à economia familiar, vale ressaltar que o trabalho externo contribui para a construção de uma identidade feminina, pois desloca o poder interno da família que passa ser favorável a ela. *“Isto porque a forma como se desenvolvem as relações familiares e atribuição prioritária das mulheres à esfera doméstica é posta em questão, conduzindo a mudanças no seu cotidiano e nas relações tidas por privadas”*. (NUNES, 1994, p. 12)

Além do Estado, da Igreja, do sistema produtivo, também o marido, o pai e a vizinhança controlam de maneira sutil, mas coercitiva a vida das mulheres. Segundo NUNES, elas são destituídas da possibilidade de participar eficaz e efetivamente no direcionamento das políticas públicas. Com isso, sofrem os efeitos da subordinação social a que estão relegadas. Mais profundo que isso é o fato da religião ser o principal caminho de sua subordinação, implantando o discurso da obediência a Deus, sem articular a sua vida religiosa com a cotidiana.

Referência bibliográfica:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do povo**. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1986.

FERRANTE, Vera L.S.B. e BARONE, Luis A. **Assentamentos Rurais e Poder Local: Os Rumos da Descentralização da Reforma Agrária**. Mimeo. Araraquara, 2002.

_____. **Homens e mulheres nos Assentamentos: violência, recusa e resistência na construção de um novo modo de vida.** Mimeo. Araraquara, 2000.

LOWY, Michael. **A guerra dos deuses.** Ed. Vozes. Rio de Janeiro. 1996.

NUNES, Maria José F. R. **Autonomia das Mulheres x Controle da Igreja: Uma equação insolúvel?** XVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1994.

ROSIM, Luís Henrique. **Nas Terras da Usina, o fazer-se de um assentamento.** Dissertação de Mestrado. FCL/UNESP. Araraquara-SP, 1997.